



## ARTIGOS

### **Teatro do Absurdo e o Século XIX**

por Vagner de Souza Vargas e Denise Marcos Bussoletti

Sobre o autor<sup>[1]</sup>

Sobre a autora<sup>[2]</sup>

□ *Esses olhos, pobres olhos, condenados à morte, guardarão na retina a impressão da visão sublimada. E o coração, quando faltar ao ritmo, arfará num último esto para que a raça que se está formando ame e glorifique os lugares e os homens dos nossos tempos heroicos.* □

*João Simões Lopes Neto*

#### **Introdução**

A história do teatro brasileiro mostra diferenças consideráveis entre as regiões do país. O fluxo e a produção de peças de teatro acompanharam a colonização e o desenvolvimento das cidades brasileiras. No Rio Grande do Sul, a cidade de Pelotas mostrava uma intensa vida cultural, especialmente, ao longo do século XIX com o apogeu do período das charqueadas (CAFEZEIRO; GADELHA, 1996; SANTOS, 2012).

Apesar da dificuldade de acesso e transportes típicos do século XVIII, XIX e início do século XX, o Rio Grande do Sul sempre esteve entre as rotas principais dos espetáculos de teatro vindos da Europa e, geralmente, em direção à Montevideo e Buenos Aires. Entretanto, a movimentação teatral no estado não estava apenas vinculada aos espetáculos europeus. O teatro gaúcho já mostrava uma expressiva produção em diversas cidades. Nomes como Lobo da Costa, João Simões Lopes Neto e Qorpo Santo são exemplos de sucesso nesse período (CAFEZEIRO; GADELHA, 1996; SANTOS, 2012).

Mesmo em uma época onde a difusão de informações não era tão rápida e fácil como o que

evidenciamos em tempos de *internet* na atualidade, a produção teatral gaúcha apresentava propostas teatrais caracterizadas por uma grande diversidade estética tanto nas formas estilísticas da escrita, quanto nas encenações. A qualidade intelectual dos artistas gaúchos desse período equipara seus trabalhos aos movimentos artísticos europeus daquele período como um todo.

Nesse sentido, destacamos a produção teatral de João Simões Lopes Neto que, além de escrever operetas, teatro de revista, espetáculos *devaudeville*, musicais, também produziu textos cômicos e dramáticos para serem apresentados nos palcos locais durante o final do século XIX e início do século XX. Uma dessas peças de teatro, □Jojô e Jajá e Não Ioiô e Iaiá, chama atenção para as características estéticas do seu texto, nos revelando indícios de uma terminologia teatral nomeada na Europa como Teatro do Absurdo quase 60 anos depois que João Simões Lopes Neto estreou esse espetáculo na cidade de Pelotas (HEEMANN, 1990; SANTOS, 2012).

Portanto, o objetivo desse trabalho é apresentar as relações entre o Teatro do Absurdo e a peça □Jojô e Jajá e Não Ioiô e Iaiá□, de João Simões Lopes Neto. Além disso, serão apresentados alguns aspectos que caracterizam a estética do Teatro do Absurdo, assim como algumas informações sobre a vida e obra do escritor pelotense.

### **O Teatro do Absurdo: definição e características**

O termo Teatro do Absurdo é uma expressão criada por Martin Esslin (1918-2002) no final da década de 1950, tendo a descrição dessa temática publicada em um livro em 1961. O Teatro do Absurdo se refere a uma série de peças de teatro publicadas na Europa durante as décadas de 1940-60, caracterizadas por uma atmosfera de desolação, solidão, incomunicabilidade e com peculiaridades estéticas que as diferem das peças de teatro europeias tradicionais escritas até então. Essa terminologia foi criada com o intuito de ressaltar um dos mais importantes movimentos teatrais europeus surgidos durante a segunda metade do século XX. Dentre os principais nomes do Teatro do Absurdo, destacam-se Eugène Ionesco (1909-1994), Samuel Beckett (1906-1989), Arthur Adamov (1908-1970), Harold Pinter (1930-2008), Fernando Arrabal (1932-), Jean Genet (1910-1986), Alfred Jarry (1873-1907), Jean Tardieu (1903-1995) (ESSLIN, 1968).

Em um período de pós-guerras, com a Europa devastada pela destruição bélica, doenças, fome e todas as formas de degradação humana vivenciadas naquela época, os dramaturgos do Teatro do Absurdo trazem todo esse panorama estético para as suas peças, unindo a comicidade ao trágico sentimento de desolação. No Teatro do Absurdo, a incerteza e a solidão humanas vêm à tona por meio do uso de elementos conhecidos (situações banais, gestualidade cômica) ou menos usuais (construções

frasais aparentemente *non-sense*, gestos mecânicos repetidos várias vezes, ações sem motivação aparente) (ESSLIN, 1968).

Como características do Teatro do Absurdo, também podemos destacar a apresentação de situações inusitadas ou ilógicas. Este fato também estaria relacionado a uma reação à estética realista do teatro europeu que antecedeu esse período. As peças de Teatro do Absurdo não pretendem contar uma história, mas sim comunicar uma configuração de imagens poéticas. Além disso, os textos tendem a ter uma estrutura circular, terminando onde começou ou progredindo apenas para uma intensificação da situação inicial (ESSLIN, 1968).

Os textos de Teatro do Absurdo não propõem teses, nem debatem proposições ideológicas. Ademais, as histórias costumam expressar a trágica sensação de perda diante do desabamento de certezas absolutas. A linguagem não tem um sentido convencional. No lugar da lógica discursiva, instaura-se a lógica poética da associação ou da assonância, revelando uma nova dimensão para o palco, transcendendo as categorias da tragédia e da comédia, combinando o riso com o terror. Nessas peças, geralmente, o homem é confrontado com a realidade última da sua condição e, paradoxalmente, toca esferas metafísicas, repudiando abertamente os discursos racionais e do pensamento discursivo (ESSLIN, 1968).

### **Vida e obra de João Simões Lopes Neto**

João Simões Lopes Neto é considerado o maior escritor regionalista do Rio Grande do Sul, nasceu em Pelotas, em 9 de março de 1865, na Estância da Graça, de propriedade de seu avô paterno, João Simões Lopes Filho, o Visconde da Graça. Viveu na estância até 1876. Aos treze anos, foi para o Rio de Janeiro, estudar no famoso colégio Abílio. Em seguida, frequentou a faculdade de medicina, mas não chegou a terminá-la. Retornando ao Sul, fixa-se em sua terra natal, Pelotas, então rica e próspera pelas mais de cinquenta charqueadas (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

Em Pelotas, Simões atua como empreendedor da industrialização local. Dentre as muitas atividades que exerceu, estão a criação de uma fábrica de vidros, cujos operários eram todos franceses e os aprendizes, meninos pobres da região. Além disso, também montou uma destilaria. Porém, todas as suas empreitadas empresariais fracassaram em função da crise econômica enfrentada durante a década de 1890, por causa da guerra civil no Rio Grande do Sul, fazendo com que a economia local fosse extremamente prejudicada (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

Apesar disso, no início do século XX, utilizando recursos próprios (advindos das heranças

do avô e do pai), Simões construiu uma fábrica de cigarros, chamada de Marca Diabo. A empresa produzia não apenas fumos e cigarros, como também utilizava os subprodutos dessa industrialização para produzir uma espécie de defensivo agrícola natural e orgânico. Mesmo obtendo um forte sucesso inicial com essa empresa, Simões sofreu fortes ameaças da igreja católica, ameaçando-o de excomunhão, assim como quem consumisse os cigarros dessa marca. Além disso, também criou uma fórmula à base de tabaco para combater sarna e carrapatos. A tabacaria se manteve no mercado por dez anos (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

O escritor também montou uma firma de moer e torrar café, a Café Cruzeiro, a qual oferecia produtos ao consumidor com um preço inferior ao de mercado na época. Outra atividade exercida por Simões Lopes Neto foi a criação da Empresa de Mineração do Taió, com o intuito de explorar ouro e prata em Santa Catarina. No entanto, devido a alguns golpes aplicados por pessoas desonestas que trabalhavam nessa empresa, o negócio faliu, lhe causando muitos prejuízos. João Simões Lopes Neto não teve sorte com os negócios, o que acabou levando-o a perder toda a fortuna que havia herdado da família. Contudo, o talento dele não estava no ramo empresarial, mas sim na literatura (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

Aos 27 anos, casou-se com Francisca de Paula Meireles Leite, a Dona Velha, de 19 anos, no dia 5 de maio de 1892. O casal não teve filhos legítimos, mas adotou a menina Fermina de Oliveira Lopes, nascida em 1896. Apesar das inúmeras atividades que exercia, sempre foi um pai amoroso e dava atenção especial à filha (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

João Simões Lopes Neto teve uma expressiva contribuição intelectual ao regionalismo sul-rio-grandense. É intensa a valorização histórica do gaúcho, apresentando fidelidade aos costumes crioulos e à linguagem. Além de escritor, Simões Lopes foi jornalista e passou por vários estágios dentro da profissão como: cronista, redator, editorialista, secretário da redação, folhetinista e diretor de jornal. Já estampou seus relatos, em uma linguagem que fugia dos padrões reconhecidos na época. Ninguém percebia a sua importância literária. Sua primeira aparição na imprensa pelotense ocorreu no jornal *Pátria*, de seu tio, Ismael Simões Lopes, onde criou a coluna *Balas de Estalo* (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

Além do jornalismo e literatura, Simões também desempenhou outras funções. Entre 1905-1907, trabalhou no 2º Cartório de Notas de Pelotas. Em 1906, cria postais para a *Coleção Brasileira de Vulgarização dos Fastos da História Nacional*. Em 1908, organiza o I Congresso Agrícola do Rio Grande do Sul, onde apresentou a tese □O problema dos transportes e a questão das tarifas□. Em 1910, ingressa na Academia de Letras do Rio Grande do Sul, ocupando a cadeira número 3 que tinha como patrono o

pelotense Álvaro Chaves. Já em 1911, preside a Sociedade Rio-Grandense Protetora dos Animais e promove o lançamento da "Revista Centenária" com o fim de iniciar as comemorações do centenário de Pelotas. Esses são apenas alguns exemplos que ilustram o caráter multifacetado e ativo de J. S. Lopes Neto na sociedade local (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

Entre 15 de outubro e 14 de dezembro de 1893, J. Simões Lopes Neto, sob o pseudônimo de *Serafim Bemol*, em parceria com Sátiro Clemente e D. Salustiano, escreveram, em forma de folhetim, "[A Mandinga](#)", poema em prosa no jornal *Correio Mercantil*. Desconfia-se, porém, que nunca existiu Sátiro Clemente e D. Salustiano e ambos seriam o próprio Simões Lopes Neto, pois em toda obra está o seu estilo inconfundível (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

Entre 1895 e 1913, re-estabeleceu a coluna *Balas d'Estalono* jornal *Diário Popular*. Em 1913 e 1914, sob o pseudônimo João do Sul, assinou as crônicas de *Inquéritos em Contraste* nas páginas de *A Opinião Pública*. De 1914 a 1915, ocupou a direção do jornal *Correio Mercantil*. Em 1916, voltou para *A Opinião Pública* com a coluna *Temas Gastos* (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

Cidadão ativo e dono de uma visão progressista, que o distinguia dos demais membros de uma sociedade conservadora, criou a Sociedade Protetora dos Animais e o Clube Ciclista. Foi Conselheiro Municipal entre 1896 e 1900. Participou da diretoria de diversas entidades, como União Gaúcha, fundada em 1899 com sua participação e onde foi presidente por dois mandatos e da Biblioteca Pública Pelotense. A União Gaúcha é o primeiro marco do tradicionalismo gaúcho no interior do Rio Grande do Sul e que funciona até hoje com o nome de União Gaúcha João Simões Lopes Neto. Foi também professor e capitão da Guarda Nacional. Em 1910, como fundador, ingressou na Academia de Letras do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Em 1911, na Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, publicou [A Recolhida](#), como parte de um livro escolar que estava no prelo (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

Além disso, escreveu também diversas peças de teatro. Pelotas, na época, dispunha do Theatro Sete de Abril, inaugurado em 1833 e juntamente com outras casas de espetáculo integravam o convívio com a dança, a ópera e o drama aos hábitos culturais da cidade. Entre as peças escritas por Simões Lopes Neto, podemos destacar as comédias *A viúva Pitorra*, *O bicho*, *Por causa das Bichas*, *Amores e facadas ou Querubim Trovão*, e os dramas *Nossos filhos* [Jojó e Jajá e não Ioiô e Iaiá](#) (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

Em 1893, estreia no Theatro Sete de Abril sua primeira peça de teatro: "O Boato", de

autoria conjunta com seu cunhado José Gomes Mendes, o "Mouta Rara", publicada em 1894, com 106 páginas. O espetáculo foi montado pela Sociedade Dramática Particular Beneficente Thalia e a música recebeu composição do maestro Manoel Acosta y Olivera. Em 1894, estreia a comédia-opereta "Os Bacharéis" no Theatro Sete de Abril. Em 1895, publica "A Semana Passada", coluna composta por cenas teatrais publicadas no jornal *Diário Popular*, fazendo deboches da sociedade local. Entre 1894-95, escreve a peça "Coió Júnior", com co-autoria de Raul d'Anvers, tendo estreia em 1896. O espetáculo se desenvolvia como teatro de revista em tom cômico-burlesco de retrospectiva. Nesse mesmo ano, estreia a peça "Mixórdia", com a mesma equipe das outras peças e "A Viúva Pitorra", sem parceria com Mouta Rara, representada pelo Grupo Cênico do Clube Caixeiral. Esse mesmo grupo encenou a peça "O Bicho" no ano de 1898. Já no ano de 1900, duas peças de autoria de J. Simões Lopes Neto estréiam no Theatro Sete de Abril, o drama "O Palhaço" e a comédia "Fifina". Em 1901, estréiam "Jojo e Jajá e Não Ioiô e Iaiá" e "Amores e Facadas (ou Querubim Trovão)". Em 1903, estreia "O Maior Credor (ou Por Causa das Bichas)" (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

Em 1914, apesar dos trabalhos como jornalista e escritor, Simões também realiza a tradução de textos franceses para o idioma português. Sendo assim, nesse ano, realiza a tradução dos versos de Francis James. No mesmo ano, estreia "Valsa Branca". Além disso, nesse ano, publica a crônica "Grande Efeito de uma Causa Mínima", onde levanta suposições sobre Pelotas ter sido pretexto para a guerra do Paraguai. Em 1915, adapta o conto de François Coppée para o teatro, "Sapato de Bebê", para o Grupo do Theatro Politheama, em Pelotas (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

Entretanto, nem todas as peças de teatro escritas por João Simões Lopes Neto chegaram completas nos dias de hoje. Apenas a partir do final do século XX elas começaram a ser re-editadas e publicadas. Um desses casos, se refere à peça "Nossos Filhos" que chegou aos dias atuais incompleta, sem o primeiro ato. Porém, foi encontrada no Uruguai a peça "Nuestros Hijos" (1907), de Florencio Sanchez, que contém todo o segundo ato da peça de Simões, mais o primeiro ato que ficou desaparecido (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

Empobrecido, João Simões sobreviveu das atividades jornalísticas. Muitos pelotenses ainda o tratavam com deferência, por suas origens aristocráticas e seu caráter generoso. Outros viam nele apenas um derrotado, um tipo que merecia piedade. Sofreu muito preconceito e não teve reconhecimento merecido em vida. O reconhecimento definitivo desta grande personalidade veio tarde, talvez porque ele escrevesse para o futuro e não para o presente.

J. Simões Lopes Neto publicou três livros em vida, todos lançados em Pelotas, pela

Livraria Universal: *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos Gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913). A julgar, porém, pelos sonhos literários que acalentou, sua bibliografia era para ter sido bem mais volumosa. Ele próprio chegou a anunciar, por intermédio de seu editor, a existência de nada menos de seis outros livros, dois "a sair" (*Casos do Romualdo e Terra Gaúcha*) e quatro "inéditos" (*Peona e Dona, Jango Jorge, Prata do Taió e Palavras Viajantes*). Recentemente, *Terra Gaúcha* recebeu uma edição no ano de 2013. Desses últimos livros citados, apenas *Casos do Romualdo* foi publicado, na forma de folhetim, enquanto o autor ainda vivia. A publicação de *Casos do Romualdo*, como livro, ocorreu em 1952 (HOHLFELDT, 1985; HEEMANN, 1990; ANTUNES, 2003; DINIZ, 2003).

João Simões Lopes Neto morreu em 14 de junho de 1916, em Pelotas, com 51 anos, de uma úlcera perfurada. Para arrecadar algum dinheiro, Dona Velha fez um leilão de toda a documentação do marido, mas ninguém se interessou. Então toda a obra do escritor se dispersou entre colecionadores, bibliotecas e museus. Atualmente, J. Simões Lopes Neto e sua prosa ultrapassam os limites territoriais e expressam uma visão do mundo, o que torna sua literatura universal. Como prova disso, podemos encontrar traduções de sua obra em italiano, espanhol, inglês e japonês.

### **Jojo e Jaja e Não Ioiô e Iaiá x Teatro do Absurdo**

O texto teatral □Jojo e Jaja e Não Ioiô e Iaiá□, teve sua estreia em 1901 (HEEMANN, 1990). A peça apresenta um contexto que dialoga com o Teatro do Absurdo e o Surrealismo, abrindo um viés não realista para a sua encenação, sem a pretensão de contar uma história, muito menos propor teses ou debates ideológicos.

Como os personagens desenvolvem os diálogos em torno da ideia inicial de cometerem suicídio, sempre fracassarem, abrindo a possibilidade para que essa situação se torne uma constante em suas vidas, podemos observar que a peça possui um caráter circular, ou apenas tendendo a uma intensificação da situação inicial em alguns momentos. Esse aspecto também pode ser evidenciado ao analisarmos as falas dos personagens, já que o autor se utiliza de uma linguagem sem o sentido convencional, abrindo mão da lógica discursiva e racional, para instaurar a possibilidade de uma lógica poética, possibilitando outra dimensão para a adaptação da obra para o palco.

João Simões Lopes Neto constroi o seu texto com situações inusitadas ou ilógicas, permitindo que o leitor preencha as diversas lacunas de maneira que as interpretações possam ser variadas. Partindo de uma intenção inicial de cometerem o suicídio, Jojo e Jaja podem expressar a necessidade de mudança nas suas vidas. A peça escrita na virada do século XIX para o século XX, onde Pelotas enfrentava uma crise nas charqueadas, traz, implicitamente, a trágica sensação de perda e o

temor da possível realidade que seria enfrentada nas próximas décadas, quando as certezas e as riquezas da sociedade pelotense poderiam vir por água abaixo. Além disso, nos diálogos desses dois personagens, podemos encontrar relatos de desesperança daquelas duas pessoas que já perderam as crenças nos conceitos estabelecidos até então, assim como na estabilidade social e econômica do local onde vivem.

Jojo e Jaja estão em um local indefinido, o que também permite transpor essa história para qualquer contexto. Apesar das falas, em alguns momentos, serem desconexas e sem sentido, justamente esse aspecto, permite uma vasta amplitude para o conteúdo de seus diálogos, assim como para a inserção da reflexão dessa situação para outros contextos. Ademais, a desconexão das falas e a falta de lógica nos permite vivenciar momentos de comicidade e terror ante à situação de limite em que os personagens estão inseridos.

Nesse sentido, Jojo e Jaja desenvolvem suas ações em constante confronto com a realidade última de sua situação, trazendo ao mesmo tempo um trágico sentimento de desolação e comicidade para esses acontecimentos. A cumplicidade dos dois personagens é exposta como uma característica ambígua de constituição das suas identidades, assim como para a alteridade. Desse modo, Simões coloca a própria questão da alteridade como mote para despertar o cômico, já que, por se tratar de um homem e uma mulher, há um questionamento implícito em tom irônico que coloca em cheque a própria alteridade de gênero, em especial, quando percebemos que essas questões são explicitadas ainda no início do século XX.

Apesar de ter estreado em 1901, a peça teve apenas outras três montagens teatrais. Duas destas foram realizadas a partir de adaptações do texto original, inserindo fragmentos de textos de outros autores ou até mesmo do próprio autor. Já a montagem teatral realizada em 2011<sup>[3]</sup>, trouxe o texto de João Simões Lopes Neto na íntegra e com uma proposta de encenação que situou o espetáculo dentro de uma estética híbrida, ressaltando características estéticas do Surrealismo e do Teatro do Absurdo.

## **Considerações Finais**

Ao longo desse texto, pudemos observar que algumas características do Teatro do Absurdo estão presentes no texto □Jojo e Jaja e Não Ioiô e Iaiá□. Porém, a designação do termo Teatro do Absurdo foi conceituada na Europa algumas décadas após a estreia dessa peça nos palcos dos teatros pelotenses.

Apesar de João Simões Lopes Neto ter escrito esse texto em Pelotas ainda no início do século XX, suas características vão ao encontro das peças de teatro escritas na Europa no período pós-



guerras do século XX e denominadas por Esslin (1968) como Teatro do Absurdo. Todavia, tradicionalmente, a produção teatral e as definições estéticas costumam ser associadas apenas ao teatro produzido na Europa, excluindo a inserção ou o pioneirismo de alguns autores não europeus que antecederam essas conceituações, sistematizações e definições estéticas, mesmo que as suas obras contenham todas as características estilísticas de tais denominações.

Nesse sentido, podemos incluir aí o escritor João Simões Lopes Neto com o seu texto □Jojo e Jajá e Não Ioiô e Iaiá□, escrito e levado aos palcos do interior do Rio Grande do Sul na virada do século XX. Embora a existência de textos com características que podem ser associadas ao Teatro do Absurdo já fossem levados aos palcos gaúchos durante o século XIX por Qorpo Santo, João Simões Lopes Neto vem a endossar a lista de dramaturgos que também escreveram peças de teatro com as características definidas na Europa como Teatro do Absurdo, atribuindo esses créditos apenas aos textos europeus.

Portanto, com esse trabalho pudemos apresentar algumas características do texto □Jojo e Jajá e Não Ioiô e Iaiá□ relacionando-o com Teatro do Absurdo, fato este que confere a João Simões Lopes Neto, juntamente, com alguns outros dramaturgos gaúchos, o pioneirismo da estética teatral que receberia uma conceituação posteriormente na Europa. Além disso, o conjunto da obra teatral do escritor pelotense ainda merece ser mais aprofundado e pesquisado para que seus textos ainda venham a receber montagens teatrais contemporâneas.

## Referências

ANTUNES, Cláudia Rejane Dornelles. *A poética do conto de Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

CAFEZEIRO, Edwaldo; GADELHA, Carmen. *História do teatro brasileiro □ De Anchieta a Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: FUNART/UFRJ/EDUERJ, 1996.

DINIZ, Carlos Francisco Sica. *João Simões Lopes Neto □ uma biografia*. Porto Alegre: AGE/UCPEL, 2003.

ESSLIN, Martin. *O teatro do absurdo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

HEEMANN, Cláudio. *O teatro de Simões Lopes Neto - vol. 1*. Porto Alegre: IEL, 1990.

HOHLFELDT, Antônio. *Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: Tchê! Editora, 1985.

Instituto João Simões Lopes Neto. Disponível em:

<http://www.joaosimoeslopesneto.com.br/index.php> . Acessado em 15 de agosto de 2013.

SANTOS, Klécio. Sete de Abril. *O teatro do imperador*. Porto Alegre: Libretos, 2012.

---

[1] Ator, Licenciado em Teatro. E-mail: [vagnervarg@yahoo.com.br](mailto:vagnervarg@yahoo.com.br)

[2] Doutora em Psicologia, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. Diretora da Editora e Gráfica Universitária UFPEL. E-mail: [denisebussoletti@gmail.com](mailto:denisebussoletti@gmail.com) . Endereço: Rua Alberto Rosa, 154. Campus das Ciências Sociais □ 2º andar. CEP 96.101-770 Várzea do Porto - Pelotas □ RS □ Brasil. Phone/fax:(53) 3284 55 33- 3284 55 41.

[3] Disponível em: <http://youtu.be/1apiNgw0OGI>

Solicitar Uso Limitado deste Conteúdo

---

[Editorial](#) | [Expediente](#) | [De Historiadores](#) | [Dos Alunos](#) | [Arqueologia](#) | [Perspectivas](#) | [Professores](#) | [Entrevistas](#)

[Reportagens](#) | [Artigos](#) | [Resenhas](#) | [Eventos](#) | [Curtas](#) | [Instituições Associadas](#) | [Nossos Links](#)